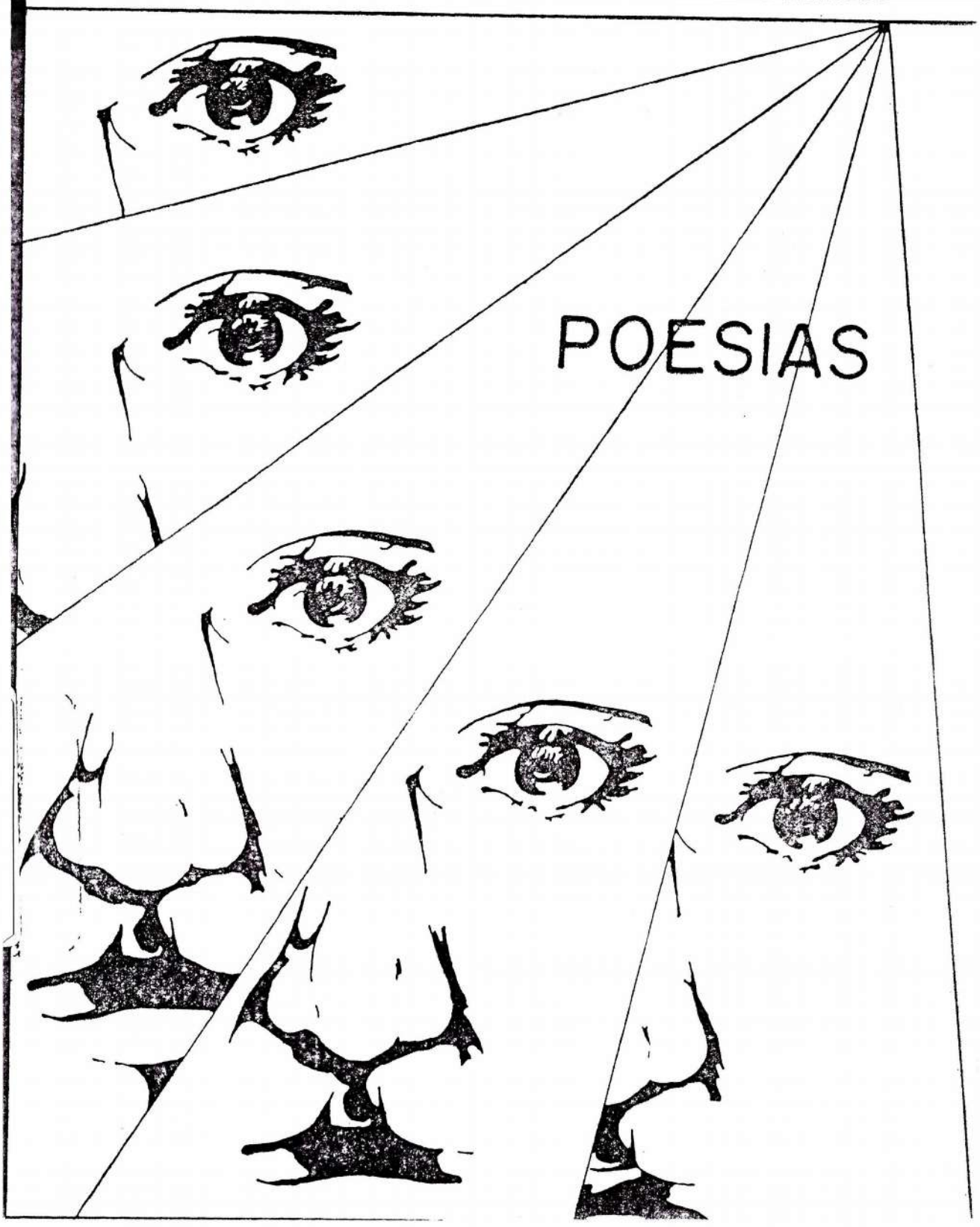
MIRANÇAS

BATISTA DE LIMA

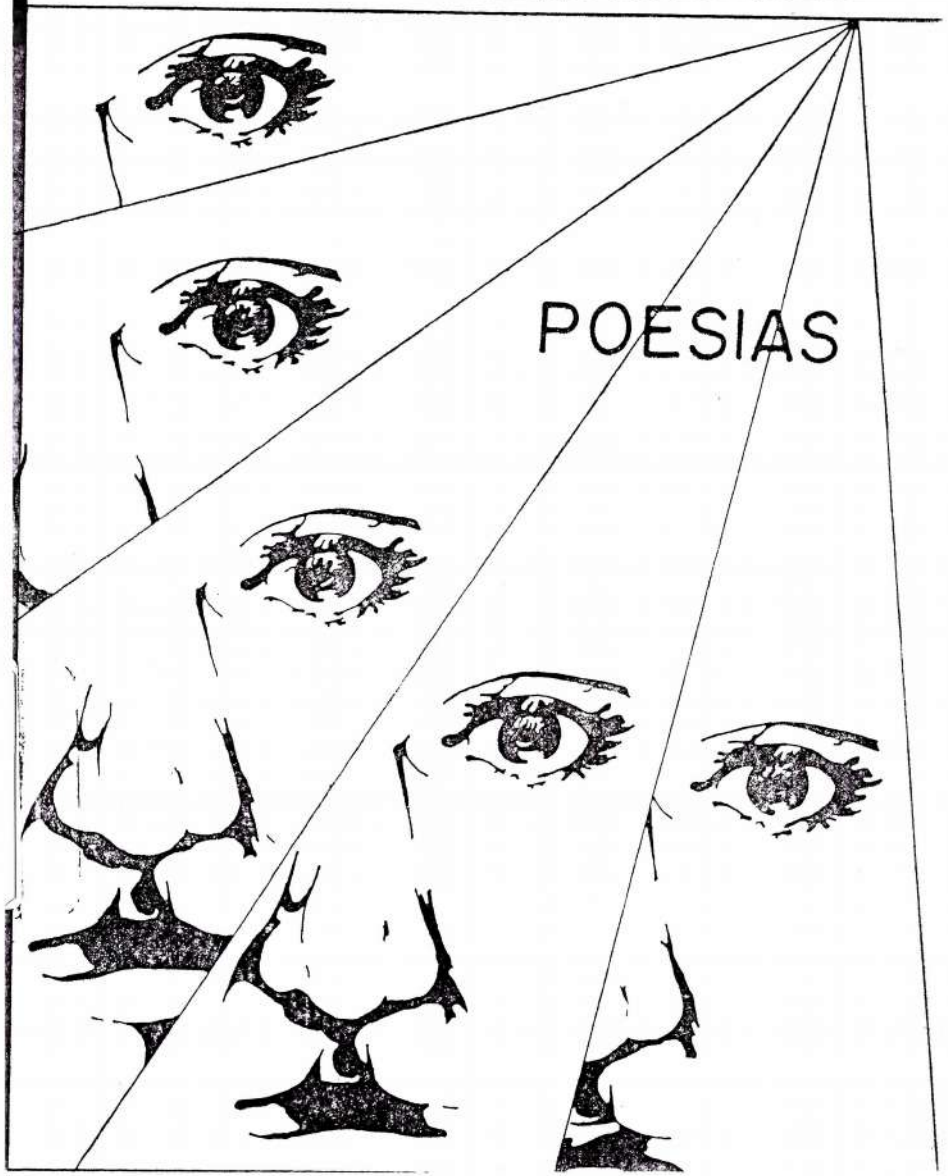


O AUTOR

José Batista de Lima nasceu a 17 de maio de 1949, no Sítio Taquari, no Município de Lavras da Mangabeira onde fez seus primeiros estudos. Em 1962 ingressou no Seminário Apostólico Sagrada Família em Crato. Foi seminarista até 1967 quando ingressou no Liceu do Ceará em Fortaleza. Em 1971 iniciou o curso de Letras da Faculdade de Filosofia do Ceará vindo a concluí-lo em 1975. Em 1977 começou o curso de Administração Escolar pela UEC (Universidade Estadual do Ceará). Desde que passou a residir em Fortaleza que é professor de Português em vários colégios. Sua vida literária começou com a publicação de poesias esparsas em alguns jornais de Fortaleza. E com a participação em Antologias de Poetas.

MIRANÇAS

BATISTA DE LIMA



Capa — Maciel Leicam

Endereço de Batista de Lima: Rua Assis Bezerra, 120
Carlito Pamplona
Fortaleza-Ceará

MIRANÇAS

"Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta
ao pé de uma parede sem porta
e cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
e ouviu a voz de Deus num poço tapado."

(Fernando Pessoa)

Para
meus pais

Agradecimentos a

José Valdivino
Dias da Silva
Renato Saldanha
Gerim Cavalcante
Noé Martins
Maciel Leicam
Pedro Gadelha
que tiveram a coragem
de acreditar em mim

COMO SIMPLES APRESENTAÇÃO

Não imagine o leitor que nos propomos fazer um prefácio. Absolutamente. Trata-se apenas de uma simples apresentação do poeta e de sua obra ao público. Do poeta, principalmente, por ainda ser ele um desconhecido. Sua criação dispensaria qualquer apadrinhamento, uma vez que se impõe já pela densidade de seu conteúdo e pela firmeza e segurança com que utiliza o instrumento linguístico na codificação da visão do mundo e na reprodução das ilusões e miranças da vida.

José Batista de Lima é poeta. Nascido num distrito - Mangabeira - num sítio "Taquari", cheio de ladeiras - "o céu pulando para outra serra" - jovem, mas já amadurecido nas idéias e na maneira de transmiti-las, vai transformando em verso suas saudades da infância distante, personagens típicos que lhe ficaram na memória e, principalmente, a vida com suas esperanças e belezas, sobretudo em sua realidade cruel no mais das vezes.

Realmente: infância, pessoas, lugares, ambientes e fenômenos da natureza, alegria, tristeza, solidão, esperança, desalento, alertas, são marcas na poesia de JBL. Diga-se, porém, de passagem, tudo aqui é visto sem nenhum tom de sentimentalismo, senão sob um ângulo sério, racional, cruel às vezes. Infância que traduz todo um somatório de sentimentos demarcadores de todas as infâncias, desde as mais despreocupadas e preenchidas às mais faltas de tudo. Infância de crianças que sobem serras para conhecer o céu e o céu pula para outra serra. Infância de crianças que perdem sua meninice levada pelos palhaços. Infância de crianças filhas do asfalto e sem amanhã. Realmente, é no mundo maravilhoso (e cruel) da meninice e da complexidade da vida que o Poeta vai cavar os temas mais profundos de sua poesia que, sem sombra de dúvida, encerra um conteúdo inesgotável de emoção.

Mas seu contato com a poesia se dá também através de tipos humanos. É a sua mitologia: "viveu como quis / o negro Luís"; Dudu - "/Foste santa / mal começavas a sentir / che-

gada a vida"; Penitentes - "os penitentes existem no sertão / homens comuns / que plantam milho"; Ana Maria - vista nua em sua frente. Ou simplesmente a poesia que vem dos lugares, da rua como podemos sentir em: "Taquari", "Cantiga de Lavras", "Praça dos Leões", "Bar Regatime". Pelos títulos depreende-se apressadamente que se vai deparar com uma sequência de poemas descritivos, lineares e sem novidade nenhuma. Em absoluto, porém. "Taquari" (sítio onde o poeta nasceu) não chega a ser uma poesia puramente descritiva, de quadros justapostos, com o predomínio dos aspectos sensório-visuais. Tem-se, pelo contrário, um poema longo, mas de versos como: "Um sítio perdido / entre saudades e distâncias / pendões de cana dando adeus / cabeças brancas / bocas a procura de dentes e comida / muita fartura ausente". São versos que tiram, realmente, a linearidade da composição e fá-la profunda no seu conteúdo emocional e no seu alto poder sugestivo.

José Batista de Lima é um poeta embebido da idéia de que a poesia está em tudo: na chuva molhando a alma; no olhar do povo pobre escavando o nascente; na tristeza do outono com as folhas caindo; na primavera que é prima verde; na seca quando o sol se faz rei; na pessoa que se perde procurando a vida.

A vocação intuitiva à simplicidade ele a anuncia nesse poema "Condição" - "Hoje eu quero a pureza de um anjo / uma trégua para todas as dores". JBL é um poeta que propõe trégua para tudo: para um dia sem medo, para outro sem solidão; para um dia de sonho e não apenas de presença e realidade; para um dia sem vales e sem rios; para que os homens do porto deixem de ser sempre homens do porto; para que os do escritório deixem de ser sempre do escritório. Trégua para que os caminhos se abracem; para que as estradas se encurtem; para que o trem chegue na alegria do povo; para que haja um lugar para despejo da tristeza; para que as crianças não percam a meninice no tombar das empanadas.

Poemas assim, de tanto conteúdo humano, de tão acentuado teor sugestivo, não podem ficar perdidos. Seria uma injustiça privar o público de sua leitura. Entretanto, para um autor, às vezes, é mais fácil e cômodo compor a obra do que trazê-la a lume. E, assim, quantas (e de valor) não amarelecem em manuscrito no anonimato das gavetas, por falta de oportuninade, por carência de editor e, principalmente, por tratar-se de autor jovem e estreante.

José Batista de Lima é um jovem poeta que muito promete. Custou-lhe imenso esta decisão: dar forma de livro às suas criações poéticas. Modestamente julgava que sua poesia não chegava a ser poesia. E menos ainda digna do público. É o temor do estreante. Encorajado, contudo, por muitos, fez uma opção: publicar seus poemas. E ao lado da incerteza da aceitação de sua mensagem poética (o público nem sempre é respeitador), o Poeta viu-se intricado na problemática da publicação: preço, editor, distribuição. Corajosamente enfrenta a situação sozinho e para a grandeza de seus poemas a simplicidade de uma tipografia.

E aconteceu. O pequeno livro está aí para conclusão de todos de que valeu a pena tanta apreensão. Aliás, uma poesia como a de JBL não pode morrer no debaixo dessa máquina esmagadora que é o esquecimento. Dela porém, sua criação está salva. MIRANÇAS, por ser uma pequena obra de arte, vai superar esse ácido corrosivo que é o tempo e perpetuar nele.

Que o público releve os baixos ocasionais e que admire e prestigie os momentos altos de sua criação poética.

DIAS DA SILVA

mirança

os meninos subiram a serra
para conhecer o céu
o céu pulou para outra serra
outra distância
os meninos ficaram velhos
subindo serras
procurando céus
que não eram seus
cavalgando distâncias
para encontrar miragens

circo

baixa-se o pano
os palhaços se retiram
levando minha infância

incerteza

o tempo desfila p'ro garoto
seu poder de transformação
tudo ficando modificado
como véspera de festa

o garoto ansioso
para o baile que ainda não veio
não sabe o que vestir

manifesto

que o príncipe das trevas
nos dê as chaves da noite

extinguiremos as trevas

que a mariposa pouse
e repouse na esquina
pelo pão que falta
daremos o amor que sobra

que os vagalumes protestem
deixaremos nosso coração
parado nas lâmpadas e letreiros

amanhã as crianças baterão palmas
não à nossa
mas à sua formosura

luís preto

viveu como quis
o negro luís

lambusou-se no poço do branco
o moleque era escravo
escravo era bicho
apanhou por toda a vida
o negro luís

foi obrigado a viver mais de cem anos
alma lavada
corpo lanhado das porradas dos brancos
não tomou banho nunca o negro luís
porque não quís

na casa de palha na cama de vara
morreu quando quis o negro luís
num inverno grande que teve um dia de verão
um dia feliz
para o enterro do negro luís

dudu

foste santa
mal começavas a sentir
chegada a vida

morreste para os teus
e nasceste numa cruz solitária
na beira de uma estrada

acordaste quando morrias para mim
e os teus pesadelos
que também são meus
e só existem enquanto o sono dura

outras cruzes estão nascendo
desta mesma gente chorosa da tua partida
em outros lugares todas
com um epitáfio igual ao teu
"a vida é um sonho na eternidade"
matamos enquanto dormimos

ana maria

eu te vi ana maria
entre as pernas da tua mãe
entre os gritos do teu pai
entre os braços do teu homem
crescendo no meu crescer

eu te vi ana maria

sem roupa na minha frente
sem calor p'ra minha cama
acima da minha testa
abaixo das minhas pernas

eu te vi ana maria

pelas portas não sei de que
levaram meu sonho menino
alguém te levou de mim
acordei não te vi
ana maria

penitentes

os penitentes existem no sertão
homens comuns
que plantam milho
e riscam o chão
fazem promessas para o deus deles
que é o mesmo deus nosso
usam capuzes e disciplinas
para cortar as costas
e se cortam nas noites santas
cantando e rezando para chover
ou pintar uma nuvem
neste nosso céu de foguetes e satélites

taquari

um sítio perdido
entre saudades e distâncias
pendões de cana dando adeus
cabeças brancas
bocas a procura de dentes e comida
muita fartura ausente
muita gente que está longe
e deixou caminhos
um dia cortaram o açude
a fartura desceu pelo sítio
agora ele chora quando chove
a serra está lá preguiçosa

taquari
um sítio perdido
entre norte e sul
serrotes e serras
no nascente um buraco
que os olhos de meu avô cavaram
procurando chuva
no poente um borralho
onde todo dia se tenta apagar o sol
um dia chegou o motor
botou os bois p'ro açougue

imperou no engenho e na madrugada
botou um cheiro de óleo na vida d'agente

taquari
sítio perdido
entre enxadas e anéis
serras e serrotes
burros e trens
do lado de cá da ladeira
uma esperança
de se conseguir uma ida
do outro lado
outra esperança
de se conseguir a volta

fuega

acorda fantástica cidade
deixa essa possibilidade de sonho

deixa que teus amantes bêbedos
reguem lacrimorosamente la soledade
e o barulho do baile
dos gritos suicidas
de lavínia
da boca de lavínia na porta aberta
dos fantasmas da vida real
das crianças nulas

acorda urbe
urbe de homens rudes
de velhos ídolos

acorda fuega

que tuas lágrimas
teu suor
molhem esta américa do sol

fumega fuega
fuega fuga
foge do tempo que te tocaia

leva tua roleta
leva teus germes
germinarás alhures

minha querida cidade sem manhã
tu que livras o homem da paixão marcada
tira de mim este viver sem jane

fuega pássaro metálico
lábio rosado
róseo de mulher toda

água tônica do barborralheira
cardápio de coisa passageira
final de festival
restando restos de amor
restos de lábios pelos cristais
restos de tempo
tempo inventariante
do que restar
de tudo que sobrou

fuega sem limite
sem mito
sem meta
sem medo
medonha árvore dos desejos maduros
malucos

minha querida fuega
recebe no teu estertor
deste teu filho a dor
filho homem
homem banda
banda de homem
no desespero da procura
pedaço de vida sem laços
rio sem braços
sem margens
sem adeus
adeus

cantiga de lavras

lavras das lavas
lavras das levas
dos que são levados a procurar o sul
lavras das lutas dos heróis que ficam

lavras da mangabeira
amada na madrugada
pelo aracati do mar
lavras das nossas lágrimas
lavras das estiagens
e das tantas vantagens
d'agente ser lavrense

lavras da mangabeira
beira do rio
que lava campos
quis transformar-te em canto

a serra

sonolenta está a serra
mãe de todas as águas roncadeiras
deus está na cruz do cruzeiro
mandando resistência p'ro vale
paciência p'ro homem

o vento tropeiro
leva a velhice da serra
leva seu cheiro de século
leva o pecado do homem
e a serra vai ficando
serra dura
serra pura
ferradura
na alma do homem

a capela

no fim da rua há uma capela
capela e capelão
os homens vão lá
pesados
voltam leves

o céu é um pé de urubu
p'ra comer o peso dos homens

a capela existe em vão
ou para digerir seu capelão?

casa velha

portas roucas choram ausência
olhos e paredes secos
sucumbem ao sussurro de folhas passageiras
de tua boca ficou o sorriso da janela

em meu coração desemboca um rio seco

e o tempo não passa
cansou de ser passageiro
só passam folhas de outono
por não terem raízes como o tempo

fantasmas fartos de roerem meus ossos
comem as paredes que te deixaram partir
e as folhas marcadas pela minha precisão
são cartas em procissão para tua busca

praça dos leões

o mundo nasce e morre
na praça dos leões
na praça passa um mar
passa um martírio
passa uma hora
passa um horário
os leões de ferro
as árvores de sempre
sempre com medo
do mundo que nasce e morre
na praça dos leões
na praça vive o passado
morre o presente
nasce o ausente
mora a saudade
um coração
com uma seta cortando
em procissão
um santo passando
é um mundo que nasce e morre
na praça dos leões

bar regatime

lábios vermelhos vergastam a solidão
carla quer segurar a existência

fumaça copula fumaça
para desespero dos cigarros
impiedosamente sós

os homens são pingos de lágrimas
nos olhos de jane
eternamente retrato de parede
lá fora o mundo grita
pela sua finalidade

e eu te peço perdão
bar regatime
cansei

o poço

o poço tem seu preço
sua prece
sua pressa
sua presença
no mundo das coisas sem presença

o poço é moço
sem trama
sem lama
o poço é novo
sem glória
sem história

o poço é um ovo
com suas formas de vida
seu povo

o poço é novo
no meio do poço tem um caminho
no meio do caminho tem um pocinho

inverno

chuva na telha
alma molhada
peixes sobem
nas águas da minha saudade
açudes arrombam-se
nos meus olhos

verão

verão
vermelhão
meu olhar é o olhar do meu povo
na escavação do nascente

outono

folhas caem
sobre meus sonhos
impiedosamente

primavera

prima vera
prima verde
verde que me torna verde
verde flor
verdamor
verdor

chuva

das alturas despencam pingos
chove solidão corrosiva
desfazendo os homens
como se fossem barro

seca

o sol fez-se rei
o céu armou-se de rubro
as águas carregadas de medo
esconderam-se
os homens riscaram o chão
ante a necessidade do choro
as mulheres rezaram
a reza derradeira
era a seca

medo

cidade de olhos
céu de ouvidos
dêem-me um dia sem medo
sem espelho
sem choque
sem trote
que deste quarto vazio
se esvazie o amontoado dos olhos-ouvidos
que se partam todos os espelhos
pois no meu próprio olhar
vejo um olhar que não é meu

soledade

não posso
com meus ossos
perdi meus braços
no último dos nossos abraços

sonho

no meu braço
levo teu braço
no meu corpo
teu abraço
o resto é presença

lágrimas

há dias na vida
que são dias
de vales
de rios
de mares

inércia

no porto
os guindastes choram
os homens do porto
sempre homens do porto

processo

os cães ladram
em torno das oferendas
depois
são comidos por elas

sistema

aos montes
arrancados das galinhas
filhos anticoncebidos
        comerciáveis
os ovos existem
ovóides
alimentícios

estrada

estrada silenciosa
distância entre o dia e a noite
carros e pessoas se cruzam na estrada
a estrada é longa
perco meus braços

o trem

o trem chega
lotado de novidades
chegam homens sem cor
cujos dentes ficaram
minha mãe também chega
na tristeza das mulheres
meu coração partido
em pernas e braços
abraça todo o meu povo
no povo do trem
choro
minha lágrima é pequena
para a grandeza da precisão

biografia

nascido no último dos anos quarenta
crescido como o mandacaru e o juazeiro
espinhento
enraizado
um dia conheceu a chuva
chuva rara
o salgado o tragou indo atirá-lo na praia
grão de areia entre dunas
transformado
não quer água
quer sede
não quer pousada
quer estrada

folha corrida

trago no peito
o grito abafado do medo
a esperança mofada
a sete chaves trancada
um rio caudaloso com nascente nos olhos
meus passos sabedores do seu caminho
são de cachorro viciado ao passo do dono
quando me deram a tristeza
não pesaram seu peso
nem mostraram seu lugar de despejo
cultivei um corpo corcunda
e vou em frente gemendo
no compasso do cansaço
até vencer o poder do passo

filho do asfalto

perdeu-se a mulher
procurando vida
nasceu um menino
sem saber de qual pai
o asfalto tutor
o fez malfeitor

predestinação

meu primeiro olhar crivou o nascente
cavou um poço no horizonte
aumentou a sede

no alto de uma montanha espetei as dores
a solidão ficou numa casa sem porta

depois acompanhei a procissão dos penitentes
pedindo verde
roubando santos
para uma vez
apenas uma vez
ver uma melancia nadando

completamente podre

destino

minha dor é a condição do meu povo
e no quadro das minhas recordações
vou crucificar tua memória

no momento presente
há um horizonte estacionado
no meu nariz
fechado para balanço
e você ainda espera
que eu tenha esperança

anjo

tenho cansados os olhos
caídos os braços
de procurar onde estou
de onde cheguei
não sei
para onde estou indo
não vou
ficar porém não fico

o mutante

ele está na rua
rua de todos

ele não vai filme de guerra
na praça é de graça
não "viaja" em público
na praça é desgraça

ele não paga dormida
na praça é de graça
não solta fogos de artifício
as metralhas combatem
não se olha no espelho
o espelho é quebrado

ele não conhece a lua
a lua se foi
não limpa os dentes
os dentes caíram
não traça a vida
a vida é traçada
não canta seresta
não há quem o ouça

não bebe na esquina
a bebida é traçada

não vai à praia
o mar recuou

ele não vai ao encontro
não há quem o espere
ele corre e não chega
pois não sabe onde vai
olha e não vê
pois não há o que olhar
vai e não volta
pois não sabe donde veio

ele não se chama josé
nem atende por nome
nem é anônimo
é o mutante

parasitismo

cada vez que me olho
vejo um corpo mais velho
um tempo passado
perdido
refletido
fica nas minhas retinas
um ser que vive de minha vida
meu espelho de parede

câmara lenta

neste momento
há uma máquina dirigindo um homem
há uma cidade inteira sem motivo
um sol que esquenta uns
e esquece outros
um sorriso pago
um choro espontâneo
um bocado de ovelhas ruminando um luar

neste momento
uns morrem de fome
outros de congestão
há um homem que pula de um arranha-céu
para saber se está vivo
há uma infinidade de galos
que cantam só por cantar
há uma mulher que morre de amar
para almoçar amanhã
uma porção de ondas descontraídas
há uma flor
uma criança
um padre pecando
um bêbedo simplesmente bebendo

neste momento
talvez ninguém esteja ligando para este momento
mas tudo está fluindo
    tudo sendo carimbado
                estocado
pela marca inconfundível do tempo
tempo porteiro
        matreiro
        parado
que fica vendo tudo passar
                tudo a entrar
num depósito de coisas velhas

conselho

és borboleta que o forte vento conduz
tua vida de um marron sem culpa
é vítima deste mundo de medo
deste desespero de dúvidas

mas há uma gota de poema
em cada martírio
e um cheiro de natureza
em cada rosa escapada

deixa-te pois levar
que derrota cria vitória
vai à esquina e pede sorvete
olha p'ro céu e planta estrelas
que uma nuvem já vem
esquiva e branca esperança

apocalipse

canto o inverso do verso
o desencanto do canto
a vantagem do medo
o começo do fim

meu teto desabante
desaba sobre todas as fantasias
pesado de esperanças não minhas

ressaca

meu pesadelo revela uma existência
fora das minhas possibilidades

tento segurá-la

quando o sonho termina
fico pequeno
desgraçadamente pequeno

sangria

ovo arrombado
açude quebrado
o açude é um ovo
o ovo é um açude

choro de bruto

o homem bruto chorou
suas lágrimas formaram rios
rios fazedores de mares
mares que se envenenaram
peixes que morreram

o homem bruto comeu peixes
para não morrer faminto

o homem bruto morreu
porque chorou

pequenez

o poeta sentiu organismo
orgasmo
tripas em trapos

mergulhou na treva
para ser pedra
chorou
descobriu-se podre

condição

hoje eu quero a pureza de um anjo
uma trégua para todas as dores
a frieza das pedras
a cegueira dos postes

que a multidão das mãos estiradas
seja um jardim com flores
que as mil bocas abertas
cariadas
sejam corolas cravejadas de orvalho
que os inocentes possam viver sua inocência
possam fechar seus corpos
só assim poderei sorrir

SOBRE OS POEMAS DE BATISTA DE LIMA

"Já não há tempo p'ra dizer boa-tarde, e muito menos bondade p'ra desejar. E se há ainda essa comunicação ostensiva nas esquinas aos meios-dias apressados, é muito mais por obrigação, o que torna irritante, esses cumprimentos.

E o tempo é muito menos para poemas longos. Batista de Lima, filho do momento, coerente com a necessidade de ser conciso, escreve esses poemas, que são "flashs", representações de um momento tomado pela óptica do poeta d'agora, que tem que unir o ritmo essencial à síntese, não menos essencial."

(Gerim Cavalcante, Unitário, 12-11-72)

"Batista de Lima, pelo visto, brevemente alcançará os remígios da legítima poesia. Embora amarrado pelas tenazes do sintetismo, o verso é cheio de suave emoção, há o mistério poético em sua linguagem. "Circo" é um pingo d'água cristalino. Muito bonita, também, é "Cantiga de Lavras" pela linguagem rica de sentimento. Dentro dos moldes modernistas, aplaudo também "Mirança" e "Biografia"."

(José Valdivino, O Povo, 27-02-77)

"Estilo enxuto, bem trabalhado, o autor nos surpreende com a simplicidade, expressividade e beleza dos seus poemas. Libertado das mesquinhas preocupações pessoais que angustiam e castram certos autores, Batista de Lima é todo participante da cotidiana história do seu povo.

No poema "Inércia", ele focaliza o drama dos guindastes, que choram, enquanto os homens do porto, os estivadores permanecem esmagados pelo seu trabalho de escravos sem perspctivas.

No poeminha "O Sistema", fotograficamente mostra os montes de ovos, apenas ovóides, alimentícios — o sacrifício da vida em bem da implacável lógica do sistema.

A seguir fala de miragens; constata, no baixar dos panos dum cirquinho, o inevitável da infância perdida. E o faz com apreciável sabedoria.

Na "Cantiga de Lavras", fala do amor telúrico, das levas, dos heróis anônimos, os que partem e os que ficam, os escravos da terra, os sempre oprimidos, varridos ou esmagados pelas grandes estiagens.

Na "Biografia", se proclama "mandacaru e juazeiro", "espinhento e enraizado".

Efetivamente, nos surpreendemos com a seriedade e a maturidade da poesia de Batista de Lima."

(Renato Saldanha, Nova Poesia Cearense, 1976)

"Entre os inúmeros talentos novos no campo da poesia avulta José BATISTA DE LIMA com uma promessa alentadora. Trata-se, realmente, de uma esperança confortante em meio a tanta mediocridade e rasteirice.

Nascido nos íngremes caminhos do Sítio Taquari em Mangabeira, Batista de Lima, jovem, muito jovem ainda, já é dono de uma poesia amadurecida e séria. Seu verso é, de fato, simples, claro, correto e marcado por uma considerável densidade conteudística. Batista de Lima é um moço que busca, incansavelmente, transmitir uma nova dimensão das coisas. A poesia despida de conteúdo, a poesia que nada acrescenta ao que já existe, para ele não tem sentido de ser. Está em sua índole, está no seu sangue a busca persistente, da poesia com fundo e forma. E tanto assim é verdade que Batista de Lima, por descobrir pouca mensagem nos seus primeiros poemas, decidiu pela destruição dos mesmos. E, na verdade, eram poemas que muitos gostariam de ter podido apor-lhes a sua assinatura. Entretanto, BL rasga-os por julgar que nada transmitem. E parte, por outros caminhos, para novas criações.

Ao lado do escafandrista de idéias e de mensagens que ele é, o jovem poeta apresenta-se, também, como um torturado pela forma, especificando melhor, pela concisão estrutural. Em suas composições procura jamais escrever uma palavra de mais, e jamais uma de menos. Debate-se pelo termo preciso e adequado. Para BL não lhe importa o tempo para delinear um poema, pois "um verdadeiro poema só brota depois de longa vivência e expectação. Um verso é síntese do espírito, ao longo do tempo. E às vezes é belo porque é terrível." O que lhe interessa, sobremaneira, é o vocabulário objetivo, certo no seu lgar e hora, porque "o escrever tanta perícia, / tanta requer / que ofício tal nem há notícia / de outro qualquer". Sua concepção de poeta é a de Olavo Bilac: — deve ser aquele que escreve longe do turbilhão da rua e lima e sofre e sua. E, como justificativa dessa sua posição de um torturado pela precisão e dessa busca, persistente, da síntese, "Filho do Asfalto" é um exemplo: "Perdeu-se a mulher / procurando a vida / nasceu o menino / sem pai / o asfalto tutor / o fez malfeitor." E em Circo: "Baixa-se o pano / os palhaços se retiram / levando minha infância". Síntese e precisão vocabular são o clima da poesia de Batista de Lima. Cada termo parece sem substituição, como se não pudesse ser outro. Em Circo a idéia causa maior impacto, ainda, pois o poder de concisão se acentua, corroborado pelo aspecto taxativo e conclusivo dos verbos, todos usados no presente e pela ênclise inicial do primeiro verso. São três curtos versos que dizem muito e que sugerem mais ainda. "Levando minha infância" é um verso comum, construído com termos comuns, mas que dentro do pequeno poema representa um mundo abreviado de idéias e de verdades. É um poema triste e por isso mesmo belo. É de uma admirável profundidade de mensagem materializada na singeleza e linearidade formal.

Cada poema de Batista de Lima, pela dimensão do fundo e pela unidade de conteúdo e de forma, cada poema oferece candições para um estudo mais demorado. Não obstante o pouco espaço, chamo a atenção do leitor para esses achados de BL em SECA: "O sol fez-se rei / o ceu armou-se de rubro/... os homens riscam o chão / ante a necessidade do choro/. Aten-

te o leitor para os aspectos denotativos e conotativos de CHORO. O poeta foi mais feliz ainda na beleza expressional de MIRANÇA: "Os meninos subiram a serra / para conhecer o céu / e o céu pulou para outra serra / outra distância / e os meninos ficaram velhos / subindo serras / que não eram serras / procurando céus / que não eram seus / cavalgando distâncias / para encontrar miragens/". Além de outros recursos, a personificação em "o céu pula" salta aos olhos do leitor por carregar o verbo de um poder expressivo e singular. Pela riqueza de conteúdo, pela unidade de concepção e pelo equilíbrio formal, os poemas de Batista de Lima merecem ser lidos.

BATISTA DE LIMA tem, realmente, um longo caminho a palmilhar. Terá desalentos mas terá, também, triunfos e vitórias. Ele precisa de nosso apoio e do incentivo de todos, porque já se apresenta como um poeta cuja poesia se caracteriza pelo equilíbrio e concisão formais e pela densidade e seriedade da mensagem."

(Dias da Silva, Tribuna do Ceará, 30-12-75)

ÍNDICE

	Pag.
Prefácio	13
Mirança	15
Circo	17
Incerteza	19
Manifesto	21
Luís Preto	23
Dudu	25
Ana-Maria	27
Penitentes	29
Taquari	33
Fuega	37
Cantiga de Lavras	39
A Serra	41
A Capela	43
Casa Velha	45
Praça dos Leões	47
Bar Regatime	49
O Poço	51
Inverno	53
Verão	55
Outono	57
Primavera	59
Chuva	61
Seca	63
Medo	65
Seledade	67
Sonho	69
Lágrimas	71
Inércia,	73
Processo	75
Sistema	77
Estrada	79
O Trem	81
Biografia	83
Folha Corrida	85
Filho do Asfalto	87
Predestinação	89
Destino	91
Anjo	93
O Mutante	97
Parasitismo	99
Câmara Lenta	103
Conselho	105
Apocalipse	107
Ressaca	109
Sangria	111
Choro de Bruto	113
Pequenez	115
Condição	117
Sobre os Poemas de Batista de Lima	